

Minha família é colorida

Georgina Martins

Ilustrações Maria Eugênia

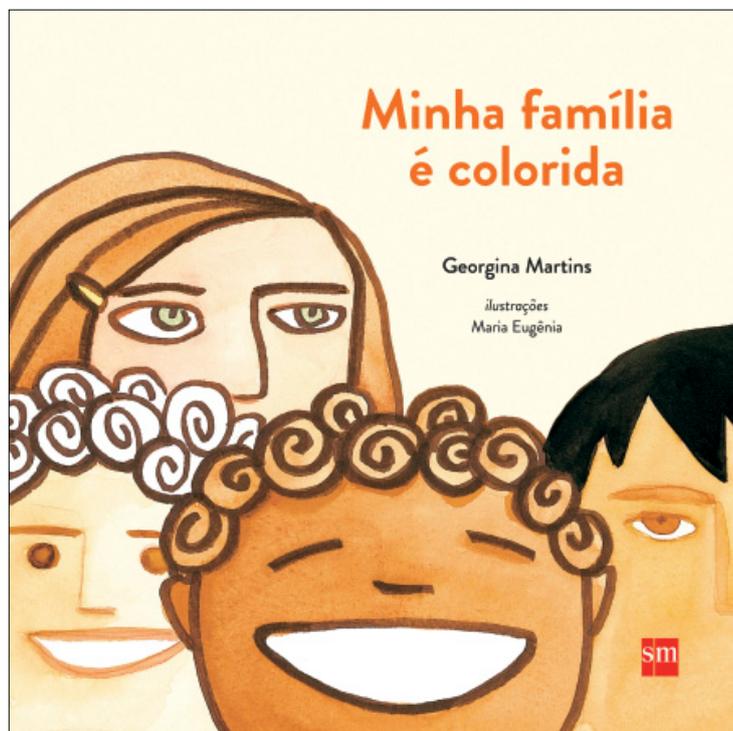
Nível leitor A partir de 6 anos

Anos escolares 1º - 2º anos

Temas Relação familiar / Miscigenação / Respeito pelas diferenças



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição

48 páginas

O LIVRO Ângelo quer saber por que, na família, só ele e o pai têm cabelos que não “vuam”. E a sua mãe lhe conta a história da família, desde que os seus bisavós se apaixonaram: ele tinha olhos azuis e ela, pele negra. Conforme a mãe narra, Ângelo percebe a riqueza de ter nascido em uma família em que a diversidade étnica nunca foi problema; ao contrário, sempre foi motivo de encantamento e paixão.

COMPLEXIDADE DO TEXTO Indicado para leitores de 7 a 10 anos, o texto é bastante acessível. Durante a leitura, o pequeno leitor terá como desafio compreender, em algumas passagens, a quem membro da família o narrador está se referindo, pois é de forma direta e rápida (“a mãe do pai do pai do Ângelo”) que a autora situa a quem se refere, como numa brincadeira. Esta estrutura narrativa pode exigir uma releitura, mas de forma divertida.



POR QUE ESTE LIVRO?

As crianças de 7 a 10 anos estão justamente na fase de transição entre a infância, que tem na família a sua grande referência, e a adolescência, que transfere esse papel ao grupo. Portanto, é uma fase em que naturalmente elas se comparam, reparam nas semelhanças e diferenças, refletem sobre suas peculiaridades.

É exatamente o que acontece com Ângelo, que nota que o seu cabelo só é igual ao do pai (e, hipoteticamente, ao de alguns colegas da escola). Nesse sentido, *Minha família é colorida* permite refletir sobre temas individuais e coletivos.

De um lado, colabora para que a criança busque conhecer a si mesma e à sua história, dando elementos para a formação da sua identidade e de uma autoestima positiva. De outro, permite uma reflexão sobre a diversidade do grupo quanto a origens, histórias pessoais e características de cada um, o que é uma boa introdução para falar da riqueza em conviver com a pluralidade, do preconceito e da importância de conhecer a própria história.

O ritmo de vida e os costumes contemporâneos muitas vezes não combinam com o hábito de contar histórias, e a maioria das famílias, atualmente, tem conversas mais factuais e voltadas para a rotina diária. *Minha família é colorida* instiga a criança a querer saber mais sobre a sua história e os seus antepassados, afinal, nessa faixa etária, as crianças são naturalmente curiosas sobre a origem e a motivação das coisas, gostam e pedem aos pais e professores que contem casos de quando eram pequenos.

Por se tratar de um tema comum a todos, pois cada um tem a sua história, essa leitura pode funcionar como “disparador” da construção da árvore genealógica dos alunos, uma excelente forma de cada um se conhecer melhor e organizar esses conhecimentos.

Além disso, num segundo momento, conhecer a árvore genealógica dos colegas possibilitará aos alunos, parafraseando Ângelo, concluir que fazem parte de um grupo colorido! E, ao refletir sobre as diferenças, abrirão a discussão sobre a diversidade racial brasileira.

O TEXTO LITERÁRIO



A linguagem de *Minha família é colorida* colabora para que a criança que está adquirindo fluência na leitura se familiarize

Dica

Uma forma de chamar a atenção sobre os discursos direto e indireto livre é pedir ao aluno que conte uma conversa qualquer que teve durante o recreio. Depois pedir a outro aluno que recontе o que o amigo contou (este contará a conversa na 3ª pessoa). Outra é pedir a um aluno que conte a história deste livro como se fosse o próprio Ângelo narrando-a para um amigo. Depois a outro aluno que narre a história como se fosse a avó contando-a para o avô. Depois outro, como se fosse uma notícia no rádio. É uma forma de eles perceberem os distanciamentos e posicionamentos possíveis de um narrador.

com o discurso direto e o indireto livre, pois a autora marca as falas da mãe e de Ângelo com verbos de fala (disse, falou, pergunta etc.), e o leitor tem acesso à maneira exata de como os personagens falam. Porém a autora opta pelo discurso indireto livre ao deixar que a narradora conte, na 3ª pessoa do singular, como a avó reagiu à pergunta do neto.

Diante da insistência de Ângelo em compreender melhor as diferenças entre ele e o irmão, a mãe resolve lhe contar toda a história da família. Neste momento, o texto tem uma quebra no tratamento dado às falas da mãe até aqui (discurso direto). É como se a mãe, diante de tal missão, se imbuísse do papel de “contadora de histórias”: distancia-se e passa a se referir ao filho como “Ângelo”, embora estivesse narrando a história para ele mesmo. A mãe assume o lugar de narradora da história.

Esses dois pontos são parte das opções que um autor pode fazer na hora de contar a sua história, e é bastante interessante que os alunos entrem em contato com essas possibilidades.

A temática deste livro incentiva os leitores a propor, em casa, conversas sobre a própria história, estimulando diálogos menos factuais e o resgate das histórias orais, dos “causos” de família. O prazer da leitura está diretamente relacionado com o sentido que o texto faz para o leitor. A possibilidade de poder conversar a respeito do que leu e de facilmente se colocar no lugar de Ângelo é, em si, uma motivação para essa leitura.

A opção da autora de utilizar uma forma embaralhada, indireta para designar os diferentes membros da família — “o pai do pai do pai do Ângelo”, no lugar de dizer “o bisavô” — aproxima o leitor de uma brincadeira muito recorrente entre crianças e que exige raciocínio lógico. A partir daí, é possível mapear o conhecimento do grupo sobre a nomenclatura de parentesco, principalmente as menos utilizadas (concunhado, consogro etc.). Também podem ser propostas adivinhações, como: “Quem é o filho do meu pai, filho da minha mãe e não é meu irmão?”

EM TEMPO

A própria autora diz, logo no início do texto: “Todo mundo no mundo nasceu de um pai e de uma mãe...” — pai e mãe que podem ser pessoas de origem diferentes — e, com isso, já sinaliza que a questão da pluralidade racial está muito mais perto de todos nós do que imaginamos.

Dica

Uma forma de falar das imigrações é pedir que as crianças entrevistem em casa os avós, vizinhos e conhecidos que elas sabem que vieram tanto do exterior como de outros pontos do Brasil. As entrevistas devem ter como foco comum a época em que imigraram, os motivos, o que acharam de diferente da terra natal e como foram recebidos. Pode ser que alguns alunos conheçam emigrantes e, se for possível, seria interessante saber por que eles optaram por ir embora e como é estar em outro país.

Dica

A história *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen, trata do tema da diferença de um outro ponto de vista: a segregação. É interessante ler essa história para as crianças que certamente, num primeiro momento, acharão graça por rever uma história que ouviram quando eram bem menores, mas, ao discutir a questão da diversidade e comparar o patinho e o Ângelo, poderão perceber a riqueza das histórias universais, que permitem muitas leituras e compreensões.

Não é um tema distante, nem teórico. É de cada um e, de uma forma ou de outra, lidamos com essas questões no nosso dia-a-dia. Está na nossa origem, assim como Ângelo é fruto de uma mistura de longas tranças e cabelos encaracolados; olhos azuis e olhos verdes; pele negra e pele branca.

O Brasil é um país miscigenado pelas diferentes origens e imigrações que recebemos desde sempre, e esse motivo, por si, justifica a importância de este ser um tema abordado e refletido pelas crianças.

Existem várias controvérsias sobre a questão das raças. A justificativa para dividir a humanidade em raças — amarela, branca, caucasiana, negra ou, ainda, mais absurdamente, em superiores e inferiores — já foi fundamentada pelas diferenças biológicas. Porém, hoje, sabe-se que geneticamente essas diferenças são cerca de 5%, o que é pouco para subdividir a humanidade em raças.

Quando estudamos História Geral ou História do Brasil, a finalidade última é a compreensão do mundo. Com Ângelo não é diferente. Ele pôde conversar com sua mãe e conhecer a própria história, o que fez que ele entendesse melhor e aceitasse os seus cabelos que não “vuam”. Dessa forma, o livro dá ao leitor a possibilidade de buscar e de refletir sobre sua origem e suas características.

As constituições familiares costumam ser diversas e nem sempre lineares. Se bem abordada, essa questão pode propiciar conversas ricas sobre hereditariedade, laços familiares, afetos de sangue e “de coração”. Para isso, é fundamental que o professor saiba de antemão a história de cada aluno, para não se surpreender com situações como orfandade, adoção, desconhecimento de origem etc. Nada disso é empecilho para trabalhar os temas referidos, mas algumas situações merecem maior cuidado e atenção e devem ser condizentes com a forma como são abordados na casa da criança.

A questão de raças é polêmica e passível de diferentes interpretações. Em um grupo de crianças maiores e conforme a escola, elas podem levantar questões do tipo: como o mundo foi povoado por pessoas com características tão diferentes? Ou, numa escola religiosa: se descendemos de Adão e Eva, por que existem raças? São questões que merecem atenção e podem levantar uma série de hipóteses. É importante, apenas, que fique claro para todos que o conhecimento das origens da espécie humana é um conhecimento em construção, que tem interpretações distintas, muitas vezes perpassando dogmas e crenças.

PARA O PROFESSOR

FILMES

- *Adivinhe quem vem para o jantar*, Stanley Kramer, EUA 1967.
- *Concorrência desleal*, Ettore Scola, Itália, 2001.
- *Faça a coisa certa*, Spike Lee, EUA, 1989.



PARA O ALUNO

LIVROS

- *Histórias da Preta*, Heloísa Pires Lima, São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1998.
- *Histórias de índio*, Daniel Munduruku, São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1996.
- *Menina bonita de laço de fita*, Ana Maria Machado, São Paulo, Ática, 2000.
- *O casamento entre o céu e a terra – Contos dos povos indígenas do Brasil*, Leonardo Boff, Rio de Janeiro, Salamandra, 2001.

FILMES

- *Shrek*, Universal/Dreams Works, EUA, 2001.
- *Tarzan*, Estúdios Disney, EUA, 1999.

REFLETINDO COM OS ALUNOS

Não é raro trabalhar, nessa faixa etária, com a construção da árvore genealógica de cada aluno. O que este livro propõe e que pode ser incorporado à construção da árvore genealógica é a descoberta da origem de algumas características de cada criança.

Além de saber que é bisneta de índio e filha de chileno, a criança pode acrescentar de onde vem a sua pele morena, os seus olhos rasgados ou até a sua agitação ou o seu bom gênio...

Como primeiro passo, vale instigar os alunos a procurar informações sobre sua origem, sua família, suas características mais marcantes e, num segundo momento, fazer um roteiro de como vão buscar as informações. Depois, cada um pode contar ao grupo o que descobriu.

São histórias propiciando novas histórias, o que dá às crianças uma mostra efetiva da importância da História para compreender melhor o presente.

Dica

De posse das diferentes origens dos membros do grupo, pode-se pesquisar, por meio de entrevistas com imigrantes ou seus descendentes, a razão e a época em que essa imigração se deu, conforme sugerido anteriormente. E também as comidas, hábitos ou palavras originárias desses lugares que foram incorporadas ao vocabulário local. Ao mesmo tempo que cada criança conhece a sua história pessoal, vai entrando em contato com a História do Brasil.

Num mapa-múndi os alunos podem localizar os locais de origem, o caminho que foi feito pelos ancestrais e os locais de chegada. Por que será que optaram por vir justamente para cá? Geralmente, nas imigrações mais recentes, a opção é justificada pela presença de parentes e conhecidos que vieram antes. E aí é provável que as crianças tragam informações sobre o ciclo do café, a escravidão, a distribuição de terras pelo governo de São Paulo, a industrialização de São Paulo (que trouxe brasileiros de toda parte).

Ao ter de reproduzir oralmente o que lhe foi relatado em casa, a criança estará conectando dados, selecionando informações, “floreando” umas e “esquecendo” outras. E, ao ouvir os colegas, também poderá fazer novas conexões e interpretações, criando, dessa maneira, a sua interpretação sobre a própria história.

Com os menores, uma forma de lidar com a ideia de preconceito é buscar, no universo deles, atitudes que tomam em relação a coisas que não conhecem bem. Por exemplo, não gostar de tomate sem ter experimentado. O que faz que eles não gostem de coisas que não conhecem? Que outras coisas não conhecemos e das quais evitamos nos aproximar? Ao deixar que as crianças façam conexões e livres associações, é possível pensar sobre o próprio grupo, a aceitação dos colegas e outros temas pertinentes à faixa etária.